

Sobre a memória histórica oculta: o caso Galíndez por Manuel Vázquez Montalbán



Eline Marques Rezende

O espanhol Jesús de Galíndez Suárez, representante do Partido Nacionalista Basco, no exílio, seqüestrado em 12 de março de 1956, em Nova Iorque, e assassinado, segundo se afirma, a mando do ditador da República Dominicana Leónidas Trujillo, é a personagem com que Manuel Vázquez Montalbán nos convida a pensar a memória, o poder e o nosso cotidiano. Publicado em 1990, o romance *Galíndez* foi sendo gestado desde o momento em que MVM soube, através dos canais da clandestinidade _ nesta época a Espanha vivia a ditadura franquista_ que um professor basco da Universidade de Columbia havia desaparecido nos EEUU.

Ninguém duvida que um desaparecimento e uma morte sem cadáver constituem elementos misteriosos digno de um romance, principalmente quando se tem 17 anos e toda a informação deve ser complementada com a imaginação, já que a censura impedia o acesso pelas vias competentes. Depois de 30 anos, da pesquisa minuciosa para recolher material sobre o caso e de constatar, ao longo dos anos, um significativo esquecimento sobre a personagem na história de seu país, MVM recupera esta figura não só valendo-se do mistério que a envolve, mas também para discutir este esquecimento e trazer à tona o mecanismo que rege a construção da memória.

Linha mestra de toda a produção de nosso autor, a memória lhe permite refletir sobre o seu cotidiano, sobre o nosso presente. É através dela que MVM investiga a relação entre o espaço pessoal e o coletivo e marca a fronteira tênue de ambos quando se deseja e, é necessário, lembrar. O estudo, que agora apresento, está centrado na estratégia construída por MVM, no romance *Galíndez*, para pensar a memória.

Poeta, ensaísta, romancista, cronista, MVM utiliza toda a sua arte para atuar sempre como um intelectual, não mais acreditando naquela figura clássica, cuja missão seria resolver as questões fundamentais de nossa sociedade, mas, sim, como um elemento responsável de trazer à discussão as questões pertinentes para pensar uma época tão sem memória quanto a nossa. Para ele, a figura de intelectual corresponde ao sujeito que, admitindo o caráter subjetivo que norteia toda ação humana, assume a função de estabelecer os elos entre o que constitui o nosso presente, o nosso passado e, o mais importante, o nosso futuro.

É fundamental compreender que toda a preocupação de MVM com memória na sociedade atual está diretamente ligada ao que ele denomina de “cárcere do presente”. O

que identifica no mundo em que vivemos é a tendência cada vez maior de se pensar o agora, o imediato, de se tomar os problemas de forma isolada e, com isso, de se romper os laços com o passado. E é justamente essa tendência que impede a construção de um projeto de futuro, capaz de dar ao cidadão uma dimensão utópica, permitindo-lhe sair do círculo do imediato. Uma das críticas mais acentuadas de nosso autor ao pensamento dominante, atualmente, é o rompimento com a noção de finalidade, indispensável a toda ação, seja pessoal ou coletiva, pois é ela que garante o sentido do que nos cerca. MVM deixa claro o perigo da estratégia que dá forma ao pensamento atual:

Se desacredita al mismo tiempo la memoria y la utopía, y no se trata de dos polos antagónicos; el negar lo uno y lo otro tiene la misma intención. El descrédito de la memoria significa que es necesario recordar las causas de los actuales efectos. Lo importante son los efectos. (...) Plantear el porqué de estos efectos implicaría encontrar una culpabilidad histórica a las causas que los han provocado. No interesa ni la memoria ni el papel de la historia, ni tampoco la utopía, porque en nombre de un futuro imperfecto desvela las imperfecciones del presente y porque en su nombre se han cometido muchísimas ferocidades, muchísimas agresiones. (VÁZQUEZ MONTALBÁN, 1995, P.79)

E, é dentro deste marco, da preocupação que lhe provoca a tendência do pensamento dominante na contemporaneidade, que MVM inscreve sua obra.

O romance *Galíndez* estabelece um vínculo direto com o projeto de escritura do autor, delineado já na década de 60 quando publica, na *Revista Triunfo*, *Crónica sentimental de España*(1969). Este projeto define a memória e o desejo como elementos fundamentais de sua escrita:

La Memoria como reivindicación frente al demonio del olvido y el Deseo como eufemismo de la esperanza, de la Historia si se quiere: he aquí la tensión dialéctica fundamental de todo cuanto he escrito.(VÁZQUEZ MONTALBÁN, 1998)

São eles que atuam como norteadores em cada gênero manejado pelo autor. O próprio MVM afirma que, como escritor, em cada gênero ele trata de resolver as questões que estes elementos lhe propõem (ERBA, 2001).

No entanto, ao centrar tudo o que já escreveu até o momento, seja ou não no campo ficcional, nessa tensão dialética, MVM nos faz ver outro elemento fundamental em sua produção: o intelectual. Não só a sua própria atuação como intelectual, mas também o papel dessa figura no campo do pensamento moderno. Esta questão nos remete ao diálogo que, na obra de MVM, acontece entre o campo literário e o intelectual. O romance *Galíndez* é, também, um convite para refletir sobre esta figura nessa dupla perspectiva.

No romance, Jesús de Galíndez aparece como uma personagem recuperada tanto no seu significado histórico, como um intelectual implicado diretamente nas questões do Partido Nacionalista Basco, quanto na esfera pessoal, com seus sonhos, ideais e a dificuldade de concretizá-los. A estrutura narrativa construída por VM lhe permite explorar as duas facetas e, o mais importante, assinalar a impossibilidade de muitas vezes demarcar a fronteira entre ambas.

O romance está estruturado a partir de duas vozes narrativas, em segunda e terceira pessoa. Esta última estrutura os capítulos (sete no total) que correspondem ao envolvimento do governo americano no caso do seqüestro e morte de Galíndez. Existem informações históricas que apontam a ligação de Galíndez com o serviço secreto americano. Dentre as informações, a mais aguda se refere às passadas por Galíndez sobre os comunistas que circulavam no continente em troca de apoio para o movimento basco. Tais informações, apesar de nunca terem sido comprovadas, compuseram o cenário de seu desaparecimento.

O narrador em terceira pessoa sustenta o ponto de vista oficial do Estado americano, embora o faça não enfocando os aspectos gerais da instituição, mas, sim, através de um elemento que o compõe: a personagem Edward, um agente do FBI, que explicita as motivações pessoais que o ligam ao Estado e ao caso Galíndez. Assim como o narrador em segunda pessoa, este se situa no presente da narrativa, os anos 90, com a missão de deter as repercussões do caso. Mesmo depois de quarenta anos e do esforço oficial, tanto do governo americano quanto do dominicano, para encobrir o seqüestro e a morte de Galíndez, a personagem permanece como um espectro para todos os implicados. Ele retorna à vida sempre que é lembrado. A memória lhe garante imortalidade e, por isso, é necessário impor o esquecimento, fazer do presente o único espaço temporal possível. Este será o embate do agente do FBI e da protagonista, Muriel, no romance. Ela, no esforço de fazer da memória um elemento operativo no presente e ele, de torná-lo inoperante.

O narrador em segunda pessoa aparece em nove dos dezesseis capítulos do romance e nele reside grande parte da complexidade da trama. De acordo com Peltzer(2001), ao tratar das modalidades das vozes narrativas, a segunda pessoa coloca de imediato a questão do receptor: a quem se dirige o narrador? E com base nessa pergunta, ele nos apresenta duas modalidades: na primeira o emissor fala com uma personagem, viva (mas ausente) ou morta; e na segunda, o emissor se dirige ao protagonista “presente para su mirada, como si se tratara de un observador que lo ve también desde adentro, como lo haría su propia consciencia. En este supuesto hay un desdoblamiento del yo que de tal modo se habla a sí mismo.”

Deste modo, muito nos interessa também o emissor, este narrador que, além da função clássica de organizar a narrativa, assume abertamente seu ponto de vista e, mais, assume o papel de provocar o constante questionamento das personagens, do leitor e até dele mesmo sobre tudo o que ocorre. O narrador em segunda pessoa no romance Galíndez alterna as duas modalidades apresentadas por Peltzer. Ele configura uma rede de relações que se inicia, já no primeiro capítulo, com a personagem Muriel: uma americana que faz sua pós-graduação tendo como tema a “ética da resistência” e que logo, por questões pessoais, se vê totalmente comprometida com a vida e obra de Jesús de Galíndez.

É a partir desta personagem que o narrador vai dando forma à personagem Galíndez, marcando sempre as motivações subjetivas que as envolvem. E é nesse espaço impreciso, característico da segunda pessoa do discurso, que o narrador recusa a onisciência, mas que, ao mesmo tempo, se infiltra no pensamento dessas duas personagens que compõem a trama. Esta estratégia tem como finalidade evidenciar a relação subjetiva que o narrador mantém com tudo o que conta e de permitir-lhe, por outro lado, a distância necessária para a atuação, de certo modo independente, das personagens e do leitor.

É uma estratégia narrativa que transforma o romance, para o leitor, num grande jogo, pois lhe aguça a percepção, ao necessitar reunir os fatos do mistério que envolve Galíndez, e num instrumento de reflexão sobre a memória, ou como o próprio MVM nos coloca, sobre a história, no que corresponde ao processo de sua construção, seja na seleção

dos fatos ou nas relações que estabelece com o presente e com o devir. É uma estratégia que delega ao leitor uma função fundamental, já que será ele o articulador final da narrativa, organizando e assumindo um posicionamento crítico diante do exposto.

Neste sentido, o romance cumpre um papel relevante nas questões que MVM se propõe quando observa a sociedade contemporânea, e se faz provocador, quando solicita que nós, seus leitores, mantenhamos sempre uma postura reflexiva diante de nosso mundo. *Galíndez* é, essencialmente, o romance de um intelectual.

Referências Bibliográficas

ERBA, Roberta. Los seudónimos de Vázquez Montalbán. In: www.vespito.net , 06/07/2001.

FERNÁNDEZ COLMEIRO, José. “Yo podría haber sido un Galíndez”. In: *Spain Today*, Dartmouth Collage, 1995.

HARO TECGLÉN, Eduardo. Reaparece Galíndez. In: *El País*, Madrid, 15/04/1990

PELTZER, Federico. *Los artificios del ventrílocuo*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 2001.

VÁZQUEZ MONTALBÁN, Manuel. *Crónica sentimental de España*. Madrid: Espasa Calpe, 1986.

_____. *Galíndez*. Buenos Aires: Six Barral, 1992.

_____. *La literatura en la construcción de la ciudad democrática*. Barcelona: Crítica, 1998.

_____. *Panfleto desde el planeta de los simios*. Barcelona: Crítica, 1995.

_____. Vascos En Santo Domingo. In.: *El País*, Madrid, 19/02/1990.